

O TRIÂNGULO SAGRADO: a revelação da trindade na imagem-manto de Nossa Senhora de Nazaré no Círio de Belém

THE SACRED TRIANGLE: the revelation of the trinity in the image-mantle of Lady of Nazareth during the Círio of Belém

Antonio Jorge Silva Correa Júnior¹

RESUMO: O percurso fotoetnográfico começou com a intenção de tecer uma relação entre a simbologia da Trindade e sua sobreposição ao manto-imagem da Virgem de Nazaré, em diferentes espaços de Belém (PA). Com base na Antropologia da Religião do antropólogo Raymundo Heraldo Maués, exponho formas triangulares do Círio do ano de 2023 e dos preparativos para a festividade de 2024. Trata-se da união Manto-Imagem peregrina, mãe oculta e divinal que gerou Jesus. Os elementos do Círio paraense, já repleto de simbologias e hibridismo cultural como cordas, fitas, os encantados Cobra Honorato/Boiuna e triângulos feitos de diversos tipos de materiais, ganham um novo elemento: Maria envolta em seu manto remete à Trindade – ao Pai, Filho e Espírito Santo – as três formas diferentes de Deus se revelar.

Palavras-Chave: Alma Mater. Catolicismo popular. Doutrina da trindade. Hierópolis. Marianismo.

ABSTRACT: The photo-ethnographic trajectory began with the intention of weaving a relationship between the symbolism of the Trinity and its superimposition upon the mantle-image of the Virgin of Nazareth across different spaces in Belém (Pará). Drawing on the Anthropology of Religion as developed by the anthropologist Raymundo Heraldo Maués, I present triangular forms from the 2023 Círio de Nazaré and from the preparations for the 2024 celebration. This concerns the union of the mantle and the pilgrim image, the hidden and divine mother who gave birth to Jesus. The elements of the Pará Círio de Nazaré—already rich in symbolism and cultural hybridity, such as ropes, ribbons, the enchanted beings Cobra Honorato/Boiuna, and triangles made from various materials—gain a new element: Mary enveloped in her mantle evokes the Trinity—the Father, the Son, and the Holy Spirit—the three distinct ways in which God reveals Himself.

Keywords: Alma Mater. Popular Catholicism. Doctrine of the Trinity. Hieropolis. Marianism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conforme salienta O'Connell e Airey (2021), em uma breve interpretação dos símbolos, Maria (*Madonna* – italiano: Minha Senhora) tem sido retratada pelo lírio, rosa branca, ou Maria estando em um jardim cercado (Jardim de Maria), com um portão fechado e um espelho. Por sua vez, a Trindade no cristianismo é o reconhecimento da Divindade, Deus, como Pai, Filho e Espírito Santo. João Batista usou de metáforas durante o batismo de Jesus Cristo, pois o Filho estava na água, o Pai falou palavras de adoração vindas do céu

¹ Doutorando em Ciências. Programa de pós-graduação em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. E-mail: juniorjorge_94@hotmail.com

e a pomba branca que desceu no momento representou a aprovação celestial do Espírito Santo (O'Connell; Airey, 2021). Na geometria sagrada, a *Vesica Piscis* – dois círculos desenhados um a partir do centro do outro – que constitui o símbolo primordial, representando os órgãos genitais da Deusa Mãe, a partir do qual se derivam a cruz, a taça, o peixe, a tríade Pai-Mãe-Filho e o triângulo equilátero, quando considerado o eixo das abscissas (Pennick, 1980). Contudo, a associação da Trindade e Maria não foi devidamente explorada em trabalhos acadêmicos.

Em seguida, a geografia urbana trata como hierópolis as cidades-santuários com presença de romeiros em peregrinação em alguma data do ano, estes metamorfoseiam o espaço urbano. Rosendahl (1996) reconhece a devoção da Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará como um destes casos, Belém figura como cidade-santuário entre os centros metropolitanos. Uma identidade amazônida belenense ergue-se em uma região a qual o restante do país julga que a natureza domina o homem. A identidade cabocla – invisibilizada e inferiorizada pelas classes dominantes – fica em evidência pela migração para Belém, a fim de venerarem a imagem peregrina. Isto ocorre por conta da história de Plácido José de Souza, aquele que achou a santa em 1700, ou quis ser achado por ela, e tal figura histórica foi um caboclo (Pantoja e Maués, 2008).

Para o trabalho teológico de Burocchi (2012), o dogma da Trindade carece de mais pesquisas científicas contemporâneas e populares. Elucubra que na concepção cristã, como o homem é criatura de Deus e feito a sua imagem e semelhança, sempre buscará interpor a Trindade Santa no espaço. Falando sobre o manto e a forma triangular indica-se: “O primeiro e principal símbolo do Círio é o manto de Maria, que cobre com sua proteção o conjunto dos fiéis. Esse símbolo é coextensivo ao próprio catolicismo, pois esse manto abriga uma grande variedade de manifestações” (Maués, 2010, p. 169). Em 2024 em 31/05 a organização da festa tornou público o cartaz de “Nazica” e em seu manto está sobreposto o Espírito Santo. Fiéis, devotos e até mesmo católicos não praticantes se aglomeram presencialmente na frente da Basílica e não é incomum ouvir “Este ano o manto está mais simples/vistoso/vivo”. A Figura 1 é dos posteres do Círio do ano de 2023 e de 2024, a simbologia do triângulo é claramente percebida, em maior parte no cartaz de 2024. Culturalmente, as casas católicas não retiram os cartazes até próximo ano, quando um novo será apregoado (Figura 2 e Figura 3).

Figura 1 – Comparativo entre os cartazes que os devotos apanham no dia de revelação do novo manto da santa, na Basílica de Nazaré.



Fonte: figura de domínio público.

Figura 2 – Cartazes tradicionalmente fixados em residências católicas



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 3 – Representações encontrada na rua.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Por conseguinte, tenho por objetivo tecer uma relação entre a simbologia da Trindade e sua sobreposição ao manto-imagem da Virgem de Nazaré, em diferentes espaços de Belém (PA), como as feiras (Figura 4), estabelecimentos comerciais (Figura 5), grandes empreendimentos (Figura 6), vias públicas, dentre outros. Frequentemente ao longo deste paper se traçará comparativos entre figuras.

Figura 4 – Triângulo no Mercado de Carne.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 5 – Representação de Nossa Senhora de Nazaré em uma lanchonete.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 6 – Triângulo para representar Nossa Senhora no estacionamento de um supermercado.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

1. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS E CONTEXTUAIS

Toma-se como digno de apontamentos, nesta fotoetnografia, o que Martins (2014) chama de imaginação fotográfica da fé, ou seja, a produção de imagens com visível apelo a recursos técnicos, seleção de figuras para definir a profundidade do campo. É um modo de construir e interpretar as fotografias – o “congelamento” do instante é uma redução das temporalidades que aquele espaço vivenciou, desta forma o pesquisador assume que o tempo da fotografia foi um e o da promessa/devolução é outro. Trata-se de um projeto pessoal de contemplação urbana desenvolvido desde meados de 2018 em trilha fotoetnográfica pelas ruas de Belém, as fotos aqui apresentadas são do Círio do ano de 2023 e dos preparativos para 2024, retiradas em um Samsung Galaxy A02 (SM-A022M). As fotografias registradas pelo autor são de posse do mesmo e parcialmente cadastradas no repositório virtual Figshare: <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.26827891.v1>. Em seu livro de poemas religiosos “Contemplação das cidades” Carphentier (2012) conceitua algo sobre contemplação nas cidades:

As cidades, feitas de nós são seres de sangue e história, de alma e residência no mistério. Os seus monumentos assinalam etapas de sua evolução, tal como nos marcam os sacramentos. [...] Essas matérias duras têm coração sensível: captam a inspiração do artista e do arquiteto no erigir a feição do evento, a circunspeção da glória, a decisão do povo, e temos então a súmula de uma época, a proclamação de um evento. (p. 15)

No Círio geralmente o pesquisador fica em família, para nós as festividades começam com a passagem da imagem peregrina em frente ao nosso condomínio, nos sábados, no domingo acordo prontamente as 4 horas ou 5 da manhã para apanhar uma condução e ir até o centro de Belém, acompanhar a procissão. Os ônibus não conseguem trafegar até o local exato, ou mesmo próximo da procissão, assim junto a outros incontáveis romeiros, precisamos andar até a Avenida Presidente Vargas para conseguir enxergar algo da procissão e a passagem da Berlinda. Momentos estes, os quais tenho realizado registros fotográficos de símbolos e simbologias. Ao decorrer destes anos observa-se a predileção do povo em retratar Maria, também, por meio de triângulos, além das outras representações imagéticas mais fidedignas como totens, esculturas e faixas com imagens. Uma hipótese é que são indícios de secularização da sociedade, perda dos detalhes estético próprios a arte/decoração do homem pós-moderno ou se buscando atenuar a imagem de Maria e “substituí-la” pela Trindade, símbolo aceito por outros grupos cristãos. Contudo, afora explicações unidimensionais será debatido o Triângulo Sagrado como mais uma das formas do paraense belenense visibilizar Maria, dentro do catolicismo popular.

Neste caminho elementos simbólicos foram retratados, em uma construção da realidade social que é única, já que o fotógrafo imagina e constrói a imagem fotográfica. O congelamento da imagem suscita seu descongelamento quando no trabalho fotoetnográfico os paradigmas históricos, culturais e sociais são debatidos e comparados (Martins, 2014). Outro aspecto é registrar simbologias do catolicismo popular, próprias a regiões Norte, em específico Belém, que não são de conhecimento do restante do país. Distanciando (ou mesmo assumindo) a apofenia, importa-me nomear como neófito e de todas as religiões, porém com interesse especial pelo catolicismo.

2. IMPORTÂNCIA DE MARIA NO CATOLICISMO POPULAR AMAZÔNICO E NO CÍRIO

Neste eixo, traçaremos asserções baseadas em Raymundo Heraldo Maués. Tuveri (2016) debatendo a obra de Maués aponta seu trunfo em não reduzir a religião amazônica ao provincianismo, preferindo contextualizá-la como múltipla tal qual a extensão territorial do Pará. Maués (2010) chega a traçar um paralelo entre o Natal e o Círio devido a frase “O Círio é o natal dos paraenses” – enquanto a primeira data foi marcada pela troca de presentes estimulada pelo capitalismo, no Círio famílias trocam dádivas entre si, com divindades e com as autoridades religiosas.

O catolicismo popular é exercido pelas pessoas do povo, católicos não praticantes, católicos praticantes e clérigos. Nota-se que “os santos estão no céu”, pois alcançaram a salvação em vida, por outro lado suas imagens estão na Terra e com o processo metafórico de veneração pessoas agradecem ou lhes pedem algo, sendo atendidos por intercessão (Tuveri, 2016). A materialização simbólica ocorre no espaço territorializante do Círio, conforme Pantoja e Maués (2008): a Cobra Honorato símbolo dos Encantados confunde-se com a corda que arrasta a Berlinda. A Cobra Honorato ou Norato é representada em brinquedos de miriti, tal qual a Figura 7. Sendo uma lenda própria do Norte e detendo fortíssimas relações com a água, assim como a santa que na fotografia se sobrepõe ao encantado. Uma Cobra Primordial encantou e engravidou uma moça jovem, que gerou duas cobras aquáticas encantadas, “Honorato” (a cobra boa) e “Caninana” (a cobra má), que afundava embarcações e aterrorizava ribeirinhos, em dado momento Honorato precisou matar a irmã. Ele assume a forma de um jovem moço, bonito e elegante, que necessita de uma jovem virgem com 18 anos completos para desencantá-lo, sendo sua sina buscar essa jovem (Corrêa, 2020). Em Belém a lenda da Boiuna (Cobras Grandes) é especialmente sensível, pois reza a lenda que está adormecida embaixo da capital, seu rabo embaixo do Bairro da Cidade Velha e sua cabeça justamente embaixo da Basílica de Nazaré, caso desperte toda a cidade seria destruída. A igreja católica no passado chegou a estimular o mito: simbolicamente Maria “sepultou” o mito indígena/caboclo por meio de sua posição estratégica sob a cabeça da serpente, pisando na Cobra Grande (Figura 8). Na primeira representação abaixo, o Triângulo é conduzido pela boa cobra como indício de sincretismo.

Figura 7 – Maria e sua sobreposição a Boiuna.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Figura 8 – Maria pisando na cabeça da serpente.



Fonte: figura de domínio público.

A corda do Círio confunde-se em representações com a Cobra Grande, algo já visto por Maués. Este é um motivo para críticas dos segmentos evangélicos de Belém que acreditam que se trata de uma festividade pagã e os católicos dão a Maria status de “deusa” (Figura 9). Contudo, para os clérigos a representação é clara: Maria é a porta do céu, resgataria pessoas do paganismo, heresia e do catolicismo não praticante, algo inclusive abordado ao final do popular filme “O Auto da Compadecida”. Logo, o povo, corda, Cobra, a conduzem. Assim, a corda é verificada próxima de muitos Triângulos (Figura 10).

Figura 9 – Representação da corda do Círio.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 10 – Corda próximo a um Triângulo na entrada de um prédio.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

Ainda em Pantoja e Maués (2008), os barcos (carros de Anjos e dos milagres) que conduzem os pedidos antes da corda passar remetem ao passado da devoção por Nossa Senhora de Nazaré, em uma pequena vila de pescadores de Portugal, algo que atravessou o oceano e veio parar em Belém, pois é uma santa das águas. Por conta disto, a representação inicial de Nossa Senhora de Nazaré, com o manto mais aberto em formato de cone ainda persiste (Figura 11 e Figura 12).

Figura 11 – Representação quase triangular de Maria, em formato de cone na verdade, seguindo a figura original com o manto mais aberto.



Fonte: Montagem com arquivo pessoal do autor e figura de domínio público.

Figura 12 – Pequenas representações do triângulo com base mais aberta (cone).



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Contextualizando historicamente, as aparições Marianas como evento centrado na igreja hierárquica, Deus usando profetas como instrumentos e eventos político-religiosos na era pós-moderna, são tratados por Maués (2014), corroborando que o impacto da globalização nas aparições Marianas são o Espírito santo no interior dos fiéis. O pesquisador reconhece as aparições de La Salette (França de 1846), Lourdes (França de 1858), Fátima (Portugal de 1917) como “aparições tradicionais” ligadas ao paradigma Tridentino da Contra Reforma, resultante de uma primeira igreja mais conservadora em luta com o liberalismo,

protestantismo e maçonaria. Com a aparição Medjugorje a Rainha da Paz (Bósnia e Herzegovina de 1981 até os dias atuais), ainda em suspeição pela alta esfera do Vaticano apesar de amplamente aceita por camadas de católicos populares, este fenômeno mariano é inovador por estar quase que unicamente centrado nos receptores – segunda igreja.

Para Tuveri (2016), no Pará existe uma clara hierarquia entre as imagens de santos estendida aos santos celestiais, pois Maria é mais poderosa por ser mãe de Jesus, na qual os “santos achados” seriam mais poderosos do que outras imagens. O autor cita exemplos: “Nossa Senhora de Nazaré de Vigia e de Belém, Nossa Senhora do Templo de Barcarena, São Benedito Achado de Curuçá e outros” (p. 228). Foi em 1790 que a Igreja Católica autorizou a realização da festa pública, hoje sabe-se que a festa tem mais de 200 anos e trata-se de em evento multicultural ambivalente, sacro e profano, dadas as festas boêmias-sagradas das Filhas da Chiquita e o Auto do Círio destinadas aos devotos que são LGBTQIA+, curiosos e artistas que premiam o Veado de Ouro, Rainha do Círio e concursos de beleza nos quais homens desfilam de sunga em um palco. Os devotos fervorosos e o clero chegam a chamá-las de blasfêmias (Almeida, 2015, Maués, 2010).

As festividades trabalham economicamente e artisticamente a cidade para o turismo e para uma estética que relembre Maria nos principais logradouros (Figura 13 e Figura 14). Aparelhagens animam os promesseiros e outras atualizações são expressas em novas procissões como lista Almeida (2015): Círio Fluvial, Procissão dos Motoqueiros, do Círio das Crianças e a exibição oficial do manto que a Santa usa a cada ano, a direção da festa passou a dar roupagem sacramental a estas expressões.

Figura 13 – Comércio: detalhe da cruz interior ao cone na venda de fitas e do Triângulo ao lado dos escudos dos times rivais, Paysandu e Remo.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 14 – Montagem com representações triangulares (Maria+Manto) em imagens, impressos ou fitas.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Há um ritual, em diversas casas para o banquete que envolve as comidas festivas do Círio, com iguarias que se mesclam aos ritos católicos. Afora os aspectos sacrificiais os quais Maués (2016) trata muito bem – salientando uma comunhão culinária –, focalizo a questão de preparação a qual as fachadas passam, bem como residências, condomínios e ruas o que corrobora com as *communitas*, os triângulos coloridos e mesclados a imagem de Maria tornam-se parte de um marcador de “identidade contrastiva” ou mesmo “triângulos fixos” em permanente exposição. Logo, a primeira procissão é a Transladação, tradicionalmente à luz de velas (e hoje de celulares) na noite anterior ao Círio, uma imagem é transportada da Basílica de Nazaré para a Igreja da Sé e no dia seguinte se faz a procissão principal (Maués, 2010). Anteriormente encarada como procissão secundária, hoje, a transladação ganhou importância sendo vista como um “aquecimento”, e os promesseiros dormem na rua para puxar a corda no dia seguinte.

3. TRINDADE

No cristianismo o triângulo é o símbolo da Trindade, para os muçulmanos significa a consciência e harmonia, os maias usavam-no para se referir aos raios de Sol e para os gregos representava a letra Delta, significando a totalidade e conclusão de ciclos e eras. Hoje quando nos remetemos a um rio o “delta” caracteriza a porção triangular de terra na extremidade final, lugar possivelmente fértil (O’Connell e Airey, 2021). Quando Jesus falou de seu Pai e Espírito Santo, referiu-se ao primeiro como “Abbá”, a Trindade (Santíssima) foi instaurada como dogma e símbolo de fé no Concílio de Calcedônia de 8 de outubro até 1 de novembro de 451, e se manteve firme por quase 16 séculos. Contudo, a rígida tradição monoteísta das religiões abraâmicas, eclipsa ou não compreende a filiação trinitária (Burocchi, 2012).

Como ponto de início com a encarnação do Verbo eterno, Deus participa da história da humanidade e não apenas da história do povo de Israel. O Filho é a ligação com o Deus-Pai e Jesus é revelado e escondido dentro de Deus, na Trindade Deus é um Alguém – vivo. A partir desta retroalimentação a teologia usa os arquétipos de Silêncio, Palavra e Encontro para, metaforicamente, revelar o Deus Trino. O equilíbrio entre o conteúdo e a forma tríplice é que garante a liberdade e a gratuidade da adoração, por meio de seu princípio de Silêncio.

Isto ocorre pois, apesar de Deus e do Filho emergirem da Palavra, é a Não-Palavra que deve se fazer presente primeiro – o Silêncio divino (Burocchi, 2012).

Na primeira carta de Paulo aos tessalonicenses analisada por Paganotto (2014), muito embora não haja o termo Trindade como doutrina, percebe-se o início de uma protodoutrina. Paulo diz “Deus, nosso Pai” unindo-o a Cristo que chama de Senhor e demonstrando dependência entre Pai-Filho, os eventos salvíficos dependem de ambos – “o Pai inicia e o Filho completa” (p. 203). O nome de Jesus aparece sem qualquer título duas vezes para lembrar de três aspectos trinitários: “ceia e a paixão – morte – ressurreição” (p. 204). Adiante quando a carta fala “seu Filho” vincula Jesus à Deus, e por fim, se destaca a validade comunitária do Espírito Santo que seria a infusão de ensinamentos de amor na vida individual. Consequentemente, o Filho e Espírito Santo se corporificam no mundo por conta de Deus (Paganotto, 2014). As imagens sobre Deus não são domínio de um grupo, o antigo testamento fala de Deus fundamentando-o na visão de uma dada época, assim, Anjos (2016) fala do amadurecimento desta imagem. No começo da formação de Israel o sagrado poderia ter várias faces, mas é no monoteísmo de Yhwh, unitário, que esta fé se encontrou.

Pontua-se que a Trindade considera o Espírito Santo como encarnado em Jesus, enxergada como um Logos divino e uma comunhão de puro amor (Anjos, 2016). Abaixo, observa-se outra simbologia presente no Círio, as faixas coloridas com dizeres da Paz e Família ao lado do Triângulo (Figura 15 e Figura 16) e outras fitas coloridas e triângulos sem dizeres (Figura 17 e Figura 18).

Figura 15 – Triângulos decorativos feitos de pano ao lado de faixas (Rodovia Augusto Montenegro, rumo a Icoaraci, distrito de Belém).



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 16 – Faixas moldando uma forma triangular.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 17 – Triângulos decorativos feitos de pano.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

Figura 18 – Triângulo na fachada de prédio, fitas coloridas.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

Os devotos aspiram a serem filhos do Filho, a Deus-relação mediada pelo amor, é uma entrega que o Filho fez de si e deseja que façam por intermédio da autocomunicação do Deus Tri-Uno (Burocchi, 2012). Já o Espírito santo é um laço de amor, capaz de dar liberdade a ambos – Pai-Filho – as outras pontas do triângulo (Burocchi, 2012). A teologia católica na América Latina depende metaforicamente da *perichoresis* e a Trindade é um paradigma para a superação das desigualdades – o Deus cosmológico – o homem como parte da natureza (Anjos, 2016).

Destaca-se o relato de Pantoja e Maués (2008), sobre a incompreensão acerca da festa, proveniente dos segmentos evangélicos, com cartazes espalhados durante esta época dizendo “Eu vou na corda de Jesus” (p. 64) ou mesmo distribuição de convites para cultos durante a procissão como presenciado por mim. Para estes o Círio possui simbologias pagãs e Maria está morta e os católicos são idólatras. Contrapondo-os Monfort (2018) fala de Maria como “lugar santo”, molde que moldou Jesus que no cristianismo é encarado como Deus. Ou seja, Maria é uma forma divina e sagrada.

Para Amorth (2023) a fé de Maria foi heroica e inquebrantável, testemunhando as boas novas, havendo bases que a sustentavam, assim como sustentam a fé dos homens, as

bases do Triângulo Sagrado. Sua oração era incessante e as obra desempenhadas pelo seu filho o ápice do triângulo. Abaixo, mais fotografias com triângulos, a Figura 19 com destaque para os balões. A Figura 20 traz a representação mariana e do Menino Jesus com círculos.

Figura 19 – Triângulo construído a partir de balões, apenas Maria é representada.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 20 – Triângulo construído a partir de palha e fitas, Maria e Jesus são representados.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

4. O TRIÂNGULO SAGRADO DEMARCANDO BELÉM: SIMBOLOGIA MÍSTICO-BÍBLICA

Encontramos explicações para Trindade vinculada à figura de Maria em padre Amorth (2023), aduzindo que a grandeza de Maria e seu atravessamento deve-se a sua predestinação celestial: amada por Deus, Cheia de graça e Escrava do Senhor. A Trindade se revelou primeiramente nela e tornou-a um elo com o Criador. Monfort (2018) revela interessantes percepções sobre sua santidade. Deus a teria escolhido como ponte entre as mulheres mortais, uma obra prima cujo conhecimento Ele preservou para si. Consentiu que ela em vida nunca realizasse um milagre (além do nascimento do Messias), apesar de Maria ser capaz. Fez com que ela não falasse apesar de ser dotada de sabedoria divina. Permitiu que os apóstolos só falassem sobre ela o necessário para acessar a história de Jesus, a quem aprouve humilhá-la e ocultá-la tratando-a como mulher – *mulier* (Jo 2, 4; 19, 26), ainda que a amasse mais que qualquer outro ente no mundo.

Esta última passagem rende discussões encabeçadas pelo protestantismo que Maria foi uma “mulher qualquer”. No entanto, Monfort (2018) pontua que na verdade Deus atendeu aos pedidos da Virgem, de esconde-la, empobrece-la e humilhá-la. Permaneceu oculta, o Espírito Santo de quem é esposa e a Igreja a chamam de *Alma Mater* – mãe escondida e secreta, e Deus habita-a pois precisou dela, sendo assim criatura alguma por maior grau de pureza, jamais terá tamanho privilégio. Maués (2010) aventa que na condição de Maria há um mistério oculto, era uma mulher pobre, escolhida para ser mãe de Deus, e que permaneceu virgem, isto impressiona gerações. Seu manto cobre os devotos e espantaria os males, sendo que mesmo os afastados e os sem religião rogam a Maria (Figura 21).

Figura 21 – Triângulo de proporções largas, o manto de Maria como “ferramenta” ampla e protetora.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Assevera-se à luz da Bíblia que a Trindade contida no triângulo Sagrado é entendida a partir de versículos, que desvelam o simbolismo contido na junção do manto com a imagem (Figura 22).

Figura 22 – Versículos bíblicos que embasam a doutrina da Trindade.



Fonte: montagem própria.

Em Isaías 9:6 verificamos Maria como forma sagrada: **“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu,** e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Bíblia Online, 2024). O Triângulo Sagrado em muitas representações não exclui a majestade de Jesus, em outras só é possível ver a coroa de Maria, vejamos as coroas nas representações triangulares nas Figuras 23, Figura 24 e Figura 25.

Figura 23 – Triângulo com uma única majestade.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 24 – Triângulo com duas majestades, em shopping central de Belém.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Figura 25 – Majestade acima do Triângulo.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

Um triângulo com a ponta para cima está associado ao desejo de chegar ao céu, simbolismo relativo às aspirações, alcance de objetivos e novos desejos, a ponta de flechas e busca pelo transcendente (O’Connell e Airey, 2021). Conforme Gênesis 1:26: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e **domine** sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra”, falando sobre sua ligação com o Espírito Santo em João 4:24 “**Deus é espírito**, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”, e que vivifica seu Triângulo em cada ser vivente em Efésios 4:6 “Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e **em todos vós**” (Bíblia Online, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria é um símbolo sincrético e um forte ícone feminino que precede o feminismo, mulher que foi e é refúgio de pessoas ocultas, empobrecidas, desesperadas, inviabilizadas socialmente e financeiramente, que recorrem a ela nas hierópolis por meio de promessas

formais e informais diante de agravos à saúde, pedindo graças como moradia, aprovações e intercessões. Assevera-se que os triângulos em maior expressão nos idos do Círio abrem “portais” imaginativos. Maria é uma forma oculta para a adoração ao seu Filho, Pai e Espírito Santo. Venerar Maria dentro desta representação nazarena é adorar a Trindade viva no coração do povo amazônico e pulsante nas ruas belenenses. Desta forma, abaixo, para finalizar, trazemos Triângulos Sagrados que se confundem com portais que demarcam diversos espaços micro e macro Belém (Figura 26 e Figura 27).

Figura 26 – Arcos no quarteirão da Basílica, Avenida Nazaré, ano de 2023 e 2024.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023 e 2024).

Figura 27 – Triângulos, em passagem de uma galeria popular e como azulejo no muro de uma casa.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. Revisitando o Círio de Nazaré a partir da lente sociológica de Eidorfe Moreira. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 10, n. 3, p. 591-604, 2015.

AMORTH, Padre Gabriele. **O EVANGELHO DE MARIA: a mulher que venceu o mal**. 1 ed. Rio de Janeiro: Petra, 2023.

ANJOS, Joabe Marques dos. **A trindade imaginada na América Latina**. Anais do Salão de Pesquisa da Faculdade EST, vol. 15, 2016.

BÍBLIA ONLINE - ACF - Almeida Corrigida Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acessado em 24 ago. 2024.

BUROCCHI, Aurea Marin. **Deus trindade**. Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 10, n. 26, p. 522-537, 2012.

CARPHERTIER, Max. **CONTEMPLAÇÃO DAS CIDADES: poemas para uma teologia urbana**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

CORRÊA, Paulo Maués. **Anotações sobre a lenda da Cobra Norato**. Revista Sentidos da Cultura, v. 7, n. 13, p. 21-31, 2020.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A mística em algumas formas de manifestações religiosas**. Debates do NER, [S. l.], vol. 2, n. 26, p. 193–227, 2014.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **ALMOÇO DO CÍRIO: um banquete sacrificial em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré**. Religião & Sociedade, vol. 36, n. 2, p. 220-243, 2016.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **TRADIÇÃO, HISTÓRIA, SIMBOLISMOS, RECIPROCIDADE, IDENTIDADE: o Círio de Nazaré em Belém do Pará**. Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap, Ano IX, n. 2, 2010.

MONFORT, Luís Maria Grignon. **Tratado da verdadeira devoção à santíssima virgem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

PAGANOTTO, Diones Rafael. **A TRINDADE NO MAIS ANTIGO ESCRITO CRISTÃO: elementos trinitários da primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses**. Revista Eletrônica Espaço Teológico, vol. 8, n. 14, p. 197-215, 2014.

PANTOJA, Vanda; MAUÉS, Raymundo Heraldo. **O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica**. Espaço e cultura, n. 24, p. 57-68, 2008.

PENNICK, Nigel. **Geometria sagrada**. São Paulo: Pensamento, 1980.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis e o catolicismo popular brasileiro-uma possível tipologia.** Boletim Gaúcho de Geografia, vol. 21, n. 1, p. 137-140, 1996.

TUVERI, Giovanni Battista. **Raymundo Heraldo Maués e as linguagens da religião no contexto amazônico.** Terceira Margem Amazônia, vol. 2, n. 6, p. 219-233, 2017.